

FRENTE: PORTUGUÊS I

PROFESSOR(A): PAULO LOBÃO

ASSUNTO: FIGURAS DE LINGUAGEM – PARTE II

EAD – ITA/IME

AULA 15



Resumo Teórico

Figuras de linguagem – Parte II

Conforme foi afirmado na aula 14, as figuras de linguagem são formas simbólicas ou elaboradas de exprimir ideias, significados, pensamentos de maneira a conferir maior expressividade, emoção, simbolismo no âmbito da afetividade ou da estética da linguagem.

Hipálage

Caracteriza-se pela atribuição de uma característica de um ser ou objeto a outro ser ou objeto que se encontra próximo ou relacionado com ele.

“À janela do velho chalé, José lia um entusiasmado livro.”
“Fumando um pensativo cigarro”

Antonomásia

Emprego de palavra ou expressão designativa da qualidade do ser, em vez do nome do ser.

O Poeta dos Escravos escreveu poemas condoreiros e morreu na flor dos anos. (*Poeta dos Escravos* = Castro Alves)
O Bruxo do Cosme Velho foi um alquimista da alma humana.

Prosopopeia (Personificação, Antropomorfismo)

Consiste em atribuir aos seres inanimados ou irracionais características próprias dos seres humanos:

“Chorava em cada canto uma saudade!”
“A chuva semeou um pouco de esperança no solo calcinado pelo sol dos trópicos.”

Anáfora

Repetição de uma mesma palavra ou expressão no início de orações, períodos ou versos:

“Quando não tinha nada, eu quis
Quando tudo era ausência, esperei
Quando tive frio, tremi
Quando tive coragem, liguei”

À Primeira Vista. Chico César)

Polissíndeto

Uso repetido de conectivos em coordenação:
“Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!”

Quiasmo

Disposição cruzada da ordem das partes simétricas de duas frases, de modo que formem uma antítese ou um paralelo:

“No meio do caminho tinha uma pedra/ Tinha uma pedra no meio do caminho.”

“Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.”

Camões. *Os Lusíadas*, XI, 93.

Elipse

Omissão de palavra(s) que se subentende(m) facilmente:
Vivíamos sob o mesmo teto. (elipse do sujeito nós).

“No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida
Na terra, tanta guerra, tanto engano
Tanta necessidade aborrecida !”

Elipse do verbo “haver”. Camões

Zeugma

Omissão de termo(s) anteriormente mencionado(s):
Uns querem a paz; outros, a guerra. (Zeugma da forma verbal querem).
Na última viagem que fiz, comprei livros e eletrônicos. Estes, na Inglaterra; aqueles, em Paris. (Zeugma do verbo “comprar”).

Comparação

É também chamada de **símile** e estabelece entre palavras ou expressões uma relação comparativa explícita, marcada pela presença de termos como “como, assim como, tal como, igual a, que nem”, entre muitos outros.

- “Meu coração tombou na vida/tal qual uma estrela ferida/pela flecha de um caçador.” (Cecília Meireles)
- “Para a florista,/as flores são como beijos/são como filhas,/são como fadas disfarçadas.” (Roseana Murray)

Onomatopeia

Trata-se de figura de palavra que especifica a reprodução de sons ou ruídos.

Trem de Ferro
Café com pão
Café com pão
Café com pão
Virge Maria que foi isso maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu fogueira
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Trem de ferro, trem de ferro. Manuel Bandeira

Anadiplose

Consiste na repetição da última palavra ou frase do período ou verso no começo do segmento posterior para conferir efeito expressivo.

- “Quero escrever sem saber, / Sem saber o que dizer.” (Milano)
- “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema a virgem dos lábios de mel(...)” (José de Alencar)

Litotes

Ocorre ao empregarmos uma afirmação por meio da

- Ele não é um dos melhores jogadores. – Ele é um jogador ruim/ mediano.
Até que você não está errada nisso. -Você está certa nisso.



Exercícios

01.

AO MESMO ASSUNTO E NA MESMA OCASIÃO

Corrente, que do peito destilada
Sois por dois belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida
Deixais o ser, levais a cor mudada
Não sei quando caís precipitada,
Às flores que regais tão parecida,
Se sois neve por rosa derretida,
Ou se rosa por neve desfolhada.
Essa enchente gentil de prata fina,
Que de rubi por conchas se dilata,
Faz troca tão diversa e peregrina,
Que no objeto, que mostra, ou que retrata,
Mesclando a cor purpúrea, à cristalina,
Não sei quando é rubi, ou quando é prata.

Gregório de Matos

Nos versos “Se sois neve por rosa derretida, Ou se rosa por neve desfolhada”

Observa-se a presença da figura denominada:

- A) paradoxo.
- B) antonomásia.
- C) anáfora.
- D) quiasmo.
- E) zeugma.

02. “Sonho Profundo, ó Sonho doloroso,
doloroso e profundo sentimento!
Vai, vai nas harpas trêmulas do vento
chorar o teu mistério tenebroso”.

Cruz e Souza

Nos dois primeiros versos, identificamos a seguinte figura de linguagem:

- A) anacoluto.
- B) litotes.
- C) anadiplose.
- D) epizeuxe.
- E) antonomásia.

03. Leia:

“Morena de Angola
Que leva o chocalho amarrado na canela
Será que ela mexe o chocalho
Ou o chocalho é que mexe com ela
Morena de Angola
Que leva o chocalho amarrado na canela
Será que ela mexe o chocalho
Ou o chocalho é que mexe com ela
Será que a morena cochila
Escutando o cochicho do chocalho
Será que desperta gingando
E já vai chocalhando pro trabalho”

Chico Buarque

No trecho da canção, observa-se que a seleção lexical realizado pelo autor, para alcançar o efeito expressivo desejado, verifica-se pela recorrência à figura denominada

- A) metáfora.
- B) prosopopeia.
- C) sinestesia.
- D) onomatopeia.
- E) pleonasm.

- 04.



A base de organização da tirinha se dá por:

- A) hipérbole.
- B) hipérbato.
- C) hipálage.
- D) antítese.
- E) eufemismo.

- Texto para as questões 05 a 07.

Texto I

PARA QUE SERVE A LITERATURA?



Angela Weyer / ZBIF/Asypix

A arte em geral e a literatura em particular não servem para nada? São atividades cuja grandeza reside nessa sublime "inutilidade"? A fruição de uma pintura, de um poema, de uma obra de arte é apenas isso: fruição?

No entanto, o prazer que sentimos na leitura de um conto, de um romance, de uma crônica é um prazer interessante e interessado. O prazer está estético que a literatura proporciona nos torna mais atentos às dores e aos odores da vida. Kafka dizia que um livro deve ser como "martelo que rompa a espessa camada de gelo" sob a qual nos escondemos.

Afinal, para que serve a literatura? Para que escrever um texto, brincar com as palavras, conceber imagens, metáforas? Para que criar diálogos entre seres inventados, descrever mundos paralelos, fazer jorrar e engugar lágrimas invisíveis? O professor francês Antoine Compagnon tem uma resposta simples e impactante: "quando começamos a ler uma narrativa ou um poema corremos o risco de nos tornar diferentes do que éramos antes dessa leitura". A literatura nos transforma.

Leituras educadoras são aquelas que nos transformam, não só em leitores melhores, mas em pessoas mais atentas ao próprio ato de viver. Essa transformação se opera, por exemplo, na maneira de ver o mundo. Aprendemos a ver o que não víamos antes. Como nos fazem entender estes versos do poeta mineiro Murilo Mendes:

"As mãos veem, os olhos ouvem, o cérebro se move.
A luz desce dois das origens através dos tempos
E caminha desde já
Na frente dos meus sucessores".

Murilo Mendes, "Somos todos poetas".

É como se nossa percepção ganhasse força. Nossa sensibilidade aumenta. O tato, a visão e a audição se deslocam. O cérebro, preso aos lugares-comuns, começa a se mover para todos os lados. Experimentamos a lucidez. Enxergamos o passado e o futuro mais nitidamente.

Tornamo-nos, assim, pessoas mais críticas, menos manipuláveis. Já não nos seduzem certas programações, certos discursos, certas certezas. Até mesmo certas obras literárias se mostram insuficientes quando outras leituras já nos ensinaram a escolher e a ler melhor. A ler melhor as linhas e as entrelinhas, a forma e o fundo, o óbvio e o interpretável.

Não precisamos mistificar a leitura como se o toque mágico da palavra literária operasse milagres! Mas é um fato constatável que ler mais e melhor nos ajuda a vencer algumas submissões. Lendo com frequência, tendemos a exigir, de nós mesmos e de nossos interlocutores, uma clareza maior ao falar, mais sutileza ao pensar, um pouco mais de originalidade ao viver.

Do que fala a literatura, afinal de contas? Ainda que se refira a outros planetas, a outras sociedades, a outras terras, a outros seres, é sempre de mim que a literatura fala. De mim e de você. É sempre de nossas esperanças e desesperos que ela fala. É da nossas humanização

e da nossa desumanização que ela fala. Lendo intensamente, sentimo-nos intensamente visados. Reforçamos nossa autoconsciência. E daí brota a vontade de resistir.

A "desistite" é uma doença da alma que nos faz abrir mão da responsabilidade de viver. Uma existência sem sentido nos leva à desistência. Desistimos de encontrar nos meandros dos significados comuns, que dormem durante décadas nos dicionário, um sentido especial para prosseguir no jogo da vida, na leitura da vida.

Desistir é também desistir de pensar. A leitura educadora, em contrapartida, convida à resistência, ao uso da inteligência, ao desejo da experiência, ao sentido da urgência. Um personagem complicado denuncia minhas complicações. Um verso cheio de ambiguidade me interroga. Vou buscar meu tempo perdido. Vou respirar meu sopro de vida. Vou contar meus cem anos de solidão.

Num tempo em que a atividade dos professores parece ter sido substituída pela informação abundante e pelo entretenimento onipresente, a literatura pode vir em nosso auxílio. Porque, nela, é possível encontrar caminhos para a formação de si mesmo e para o reencontro com nossos semelhantes que são, em última análise, nossos dessemelhantes.

Resistir tem a ver com o reconhecimento de quem nós somos. O nosso autorreconhecimento. É de justiça (e isso ninguém discute) que os outros reconheçam o nosso valor. Mas se não formos nós os primeiros a reconhecê-lo, nada feito. Nós valemos, em boa medida, aquilo que lemos. Nossas leituras fazem parte de nossa identidade. Somos o que lemos e o modo como lemos. Gostar de ficção nos aproxima da realidade.

O músico Jorge Mautner costuma dizer que existem dois tipos de imbecis: "os imbecis que não leem, e os imbecis que leem". A diferença é a seguinte: os que leem conhecem a extensão da imbecilidade própria e alheia, ao passo que os que não leem ignoram até mesmo a sua lamentável situação. Os que fogem da leitura mal desconfiam (de)que andam perdidos em todos os espaços.

As perguntas retornam: para que serve mesmo a literatura? Será uma disciplina entre as outras? Ou uma coisa belamente inútil?

Gabriel Perissé. Revista *Educação*, julho de 2014.

05. (UFRN/2014) Considerando o texto em sua totalidade, o seu objetivo prioritário é
- A) explicar por meio de citações de autoridade, o caráter utilitário da literatura no processo ensino-aprendizagem, evidenciando que, diferente do que pensa o senso comum, ela não se presta tão somente à fruição estética.
 - B) problematizar, a partir de uma reflexão em torno da educação criadora, como a literatura, por meio de seu caráter humanizador, pode ser um agente transformador dos sujeitos.
 - C) mostrar que as pessoas que leem exclusivamente literatura estão habilitadas para produzirem textos, de natureza vária, mais criativos, coesos e coerentes.
 - D) responder ao questionamento feito no título, defendendo a tese de que apenas a leitura estética é capaz de proporcionar a transformação de cidadãos em pessoas melhores.
06. (UFRN/2014) De acordo com o texto, é correto afirmar que:
- A) Os professores devem priorizar o maior número de informações para que os alunos possam fruir o texto literário.
 - B) A leitura literária é fundamental para estimular todos os sentidos do corpo que são acionados na produção de textos com originalidade.
 - C) A leitura literária é fundamental na formação de sujeitos reflexivos, lúcidos, resistentes a discursos manipuladores e a sentidos cristalizados.
 - D) Os professores estão sendo solicitados a dar mais informações de forma lúdica para que os alunos possam decodificar o texto literário.

- Para responder à questão **07**, leia o excerto reproduzido a seguir.

“Uma questão que poderia ser posta diz respeito ao convívio com o gênero literário como caminho necessário a ser percorrido se se pretende desenvolver capacidade de expressão, mesmo quando o autor é chamado/convocado a produzir um texto argumentativo.”

GERALDI, João Wanderley, *Da sala de aula à construção externa da aula*. In: ZACCUR, E. (Org.) *A magia da linguagem*. RJ: DP&A Editora, 1999.

- 07.** (UFRN/2014) A partir das ideias apresentadas neste excerto, conclui-se que:
- O autor distancia-se do ponto de vista defendido no texto de Perissé no que concerne ao papel da literatura, uma vez que focaliza apenas a escrita.
 - O autor alinha-se com as ideias defendidas no texto de Perissé no que diz respeito à importância da literatura na formação do indivíduo.
 - Os dois textos defendem o uso do texto literário como prerrogativa para uma escrita mais correta e adequada.
 - Os dois textos analisam o papel do ensino da literatura sob a perspectiva apenas de fruição estética.
- 08.** (UFF/2018)

SONETO DE FIDELIDADE

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p. 96.

Na composição, Vinicius de Moraes utiliza o *enjambement*, também conhecido como encadeamento sintático ou cavalgamento, como se verifica no seguinte par de versos:

- “E rir meu riso e derramar meu pranto/Ao seu pesar ou seu contentamento (versos 7 e 8).
- “Quero vivê-lo em cada vão momento/E em seu louvor hei de espalhar meu canto (versos 5 e 6).
- “Quem sabe a solidão, fim de quem ama/Eu possa me dizer do amor (que tive)” (versos 11 e 12)
- E em seu louvor hei de espalhar meu canto/E rir meu riso e derramar meu pranto. (versos 6 e 7)

- 09.** (UFF/2018) O poema de Vinicius, apesar de ser uma produção do período modernista, foi elaborado com uma estrutura clássica. Como característica dessa estrutura clássica, presente no soneto, identificam-se
- as rimas mistas.
 - os versos brancos.
 - os versos decassílabos.
 - as diferentes figuras de linguagem.

- 10.** (UFF/2018) As figuras de linguagem contribuem para a expressão de efeitos de sentido. Nos últimos versos do poema, o eu lírico estabelece, entre o amor e a chama, uma relação

- metafórica
- hiperbólica.
- eufemística.
- comparativa.

- Textos para responder às questões **11 a 13**.

Texto I

Gosto muito de uma ideia feroz de João Cabral de Melo Neto: “Escrever é estar no extremo de si.” Nessa última fronteira, em que o EU se desvanece, o escritor pisa a parte mais inóspita de si mesmo – aquela em que se transforma em outro. Literatura não é confissão, é invenção. Para refletir sobre isso, nada melhor do que reler hoje “Um experimento na crítica literária”, do irlandês C.S. Lewis (1898-1963). Um livro em que a Literatura se afirma como enigma e aventura. E no qual o leitor, não mais reduzido à figura de um hermeneuta, ou, ao contrário, de um diletante, se torna, ele também, um inventor.

O livro não é a ilustração de um saber consagrado; tampouco é um aferidor de verdades. Ao inaugurar um mundo inteiramente novo, a Literatura é uma invenção que, em vez de explicar e dissecar a realidade, potencializa e amplia.

CASTELO, José. “O menino de Lewis”. O Globo. Adaptação.

VOCABULÁRIO:

Hermeneuta: intérprete.

Diletante: amante das artes e da Literatura.

Texto II

Tudo o que aqui escrevo é forjado no meu silêncio e na penumbra. Vejo pouco, ouço quase nada. Mergulho enfim em mim até o nascedouro do espírito que me habita. Minha nascente é obscura. Estou escrevendo porque não sei o que fazer de mim. Quer dizer: não sei o que fazer com meu espírito. O corpo informa muito. Mas eu desconheço as leis do espírito: ele vagueia. Meu pensamento, com a enunciação das palavras mentalmente brotando, sem depois eu falar ou escrever – esse meu pensamento de palavras é precedido por uma instantânea visão sem palavras, do pensamento – palavras que se seguirá, quase imediatamente – diferença espacial de menos de um milímetro. Antes de pensar, pois, eu já pensei.

Clarice Lispector. *Um sopro de vida*.

- 11.** (UFF/2010) Assinale a opção que corresponde ao pensamento de Clarice Lispector sobre a criação literária, no Texto II.

- A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote e adeus.
- Não colhas no chão o poema que se perdeu.
- Vozes da infância, contai a história da vida boa que nunca veio.
- Pensar é a concretização, materialização do que se pré-pensou.
- O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor que deveras sente.

12. (UFF/2010) O modo de Clarice Lispector ver a criação literária guarda relação com o momento histórico em que ela escreve. Em outros momentos históricos, outras relações ocorreram, como se observam corretamente em:
Assinale a opção correta.
- A) O Modernismo relaciona-se com um modo de escrever que pretende discutir a criação literária e produzir a simplicidade e a métrica do pastoralismo.
- B) O Neoclassicismo relaciona-se com um modo de escrever que reproduz a arte barroca tal como ela era.
- C) O Realismo relaciona-se com um modo de escrever que se caracteriza pela musicalidade, pela sinestesia e pelas aliterações.
- D) O Simbolismo relaciona-se com um modo de escrever que se apresenta a realidade tal como ela é.
- E) O Romantismo relaciona-se com um modo de escrever que adota a estética da expressão de seu autorial.
13. (UFF/2010) No Texto I, José Castello afirma que a Literatura é uma invenção. Assinale a opção em que o fragmento de texto se assemelha ao sentido construído na seguinte passagem do texto do autor. “Um livro em que a Literatura se afirma como enigma e aventura. E no qual o leitor, não mais reduzido à figura de um hermeneuta, ou, ao contrário, de um diletante, se torna, ele também, um inventor.” (linhas 7-9)
- A) “O melhor meio de saber o que querem os poetas de amanhã é ainda conhecer o que eles exprobam à poesia de ontem. Ora, o reproche geral que ao Simbolismo fazem e que os resume todos em uma palavra e o de ele ter desprezado a Vida. Nós sonhamos; eles querem viver e dizer que viveram, diretamente simplesmente, intimamente, liricamente”. (José Veríssimo, *Que é literatura?*)
- B) “Estou escrevendo porque não sei o que fazer de mim. Quer dizer: não sei o que fazer com meu espírito. O corpo informa muito. Mas eu desconheço as leis do espírito: ele vagueia”. (Clarice Lispector, *Um sopro de vida*).
- C) “Tenho muita pena de não saber escrever histórias para crianças. Mas ao menos ficaram sabendo como a história seria, e poderão contá-la doutra maneira, com palavras mais simples do que as minhas, e talvez mais tarde venham a saber escrever histórias para as crianças... Quem sabe se um dia virei a ler outra vez esta história, escrita por ti que me lês, mas muito mais bonita?” (José Saramago, *A maior flor do mundo*).
- D) “Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior automóveis, cinema, asfalto. Se estas palavras frequentam meu livro não é porque pense com elas escrever moderno, mas porque sendo meu livro moderno, eles têm nele sua razão de ser”. (Mário de Andrade, *Prefácio interessantíssimo*).
- E) “Meu erro foi acreditar que a vida poderia fornecer material para a minha Literatura. Viver escrevendo. Não escrevi o que devia – este foi o meu erro. Escrever é renunciar – eu não sei renunciar. Gide disse que o diabo desta vida é que entre cem caminhos, temos de escolher apenas um e viver com a nostalgia dos outros noventa e nove. Pois bem: a Literatura é como se você tivesse de renunciar a todos os cem...” (Fernando Sabino, *O encontro marcado*).

14. (Uema) *O Auto da Barca do Inferno* é uma das três peças que compõem a Trilogia das Barcas do teatro vicentino. Gil Vicente é autor do período literário português, conhecido como Humanismo.

ANJO: Que mandais?

FIDALGO: Que me digais,
pois parti tão sem aviso,
se a barca do paraíso
é esta em que navegais.

ANJO: Esta é; que lhe buscais?

FIDALGO: Que me deixeis embarcar;
sou fidalgo de solar, é bem
que me recolhaís. [...]

ANJO: Pra vossa fantasia
mui pequena é esta barca.

FIDALGO: Pra senhor de tal marca não
há aqui mais cortesia?

[...]

VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*. São Paulo: FTD, 1997.

Os diálogos entre o Anjo e o Fidalgo põem em discussão não só os valores de um mundo medieval, mas também do mundo contemporâneo. A atualidade dessa discussão decorre de que o homem de hoje, ainda, assume falsos posicionamentos semelhantes ao de uma das personagens da cena. Essa atualidade é apresentada, por meio de

- A) limitações retóricas.
- B) alianças subversivas.
- C) falhas na comunicação.
- D) atos de falas impositivas.
- E) comportamentos antidemocráticos.

15. (Unimep/SP – Universidade Metodista de Piracicaba) Classifique as figuras de acordo com as seguintes opções:

- (1) Metáfora
(2) Metonímia
(3) Eufemismo
(4) Prosopopeia
(5) Hipérbole

- () A fé remove montanhas.
() No azul da adolescência as asas soltam.
() Chorava a flor e gemia / Branca, branca de terror.
() Não é por falar, minha querida, mas eu morro de amores por você.
() Um dia hei de ir embora / Adormecer no derradeiro sono.

A sequência correta é:

- A) 2, 1, 3, 4, 5 B) 2, 1, 4, 3, 5
C) 5, 4, 1, 2, 3 D) 3, 4, 5, 1, 2
E) 2, 1, 4, 5, 3

Gabarito

01	02	03	04	05
D	C	D	E	B
06	07	08	09	10
C	B	A	C	A
11	12	13	14	15
D	E	C	D	E

SUPERVISOR/DIRETOR: MARCELO PENA – AUTOR: PAULO LOBÃO
DIG.: ESTEFANIA – 19/01/19 – REV.: KARLLA